

# O MISTÉRIO MARAVILHOSO DO TEMPO<sup>1</sup>

*Sumário:* I. Introdução. II. O tema. III. O tempo. IV. O tempo realiza sonhos. V. O tempo dá a dimensão adequada aos fatos, atenua a dor e traz o perdão. VI. O tempo traz sabedoria. VII. O tempo consolida o amor verdadeiro (e também liberta as pessoas quando ele não existe). VIII. A pós-modernidade e a pressa. IX. Tenham compromisso com o seu tempo. X. Duas palavras a mais. XI. Conclusão.

## I. INTRODUÇÃO

Em um belo verso, que guardei de memória pela vida afora, Domingos Pellegrini Jr. assim relata um desencontro:

*“Partimos exatamente no horário  
O destino é que atrasou alguns segundos”.*<sup>2</sup>

Ao vê-los daqui, penso no exato contrário desse desencanto. O Universo está em expansão, existem milhões de estrelas, inúmeros lugares onde em tese poderia haver vida. Na Terra, somos cinco bilhões, em mais de duzentos países. No Brasil, 170 milhões, 26 Estados, 5000 Municípios. Meus queridos afilhados: não creio um segundo sequer que estejamos juntos por fruto do acaso, por um acidente cósmico. Havia um projeto para nós, um encontro marcado ao qual não faltamos. E a vida nunca mais foi a mesma.

Eu amo vocês não apenas pelo que vocês são e representam, mas também pelo que fazem de mim. Pela enxurrada de bons sentimentos que me propiciam. Por fazerem com que a juventude me fuja mais devagar. Por me proporcionarem este momento de realização suprema na vida de um professor: o

---

<sup>1</sup> Discurso realizado como Paraninfo da *Turma Gustavo Tepedino* – UERJ 2001. O texto foi produzido para exposição oral. A presente reprodução conserva tal característica.

<sup>2</sup> Domingos Pellegrini Jr., *O trem*, in *Encontros com a Civilização Brasileira* 3/174.

carinho dos seus alunos. Meus alunos até ontem; meus colegas a partir de hoje; meus amigos para sempre.

## **II. O TEMA**

Ao refletir sobre o que gostaria de lhes dizer nesta última hora, nesta última vez, veio-me à mente, seguidamente, um episódio. Lembro-me que narrava a vocês que eu havia solicitado ao diretor da Faculdade que colocasse um cartaz no corredor alertando aos alunos que saíam para o intervalo que algumas turmas, como a nossa, continuavam em aula. É que, inadvertidos disto, faziam um enorme barulho que quebrava a nossa concentração (que já enfrentava os múltiplos ruídos que vinham da janela do outro lado: carros freando, buzinando, sirenes e mais um guarda de trânsito que soprava alucinadamente o seu apito). O diretor, prevalecendo-se do fato de ser quatro dias mais novo que eu e da nossa amizade de mais de uma década, disse-me carinhosa mas cruamente: “Luís Roberto, você está ficando velho”. Quando eu, ainda abalado, lhes relatava este fato, um de vocês – que aliás avisto daqui – , em uma provável conspiração com o diretor, levantou o braço e disse-me, com a onipotência dos vinte anos: “Professor, deve estar ficando mesmo. Já é a segunda vez que o senhor conta a mesma história”.

Reconstituí caco por caco a minha alma estilhaçada e, para provar publicamente que sobrevivi, escolhi como tema central dessas reflexões O TEMPO, o mistério maravilhoso do tempo. *O que a vida faz das nossas vidas.*

## **III. O TEMPO**

O tempo é freqüentemente simbolizado por Cronos, deus da mitologia grega que teria investido contra seu pai, Urano, e devorado os próprios filhos. O revisionismo romano procurou ligá-lo a Saturno, deus da colheita e da prosperidade. Mas o tempo ainda carrega o estigma da morte, da velhice, da

decadência. Como um advogado aplicado, pretendo demonstrar que a imputação é injusta e distorcida. O tempo é um aliado da vida e do homem. Não é um inimigo.

#### IV. O TEMPO REALIZA SONHOS

Há vinte anos atrás, esta noite, neste mesmo teatro, na minha formatura, eu olhava para o futuro e sonhava ser professor. Sobretudo um professor. E neste projeto investi minha vida. Jamais me arrependi da escolha que fiz. Nem tenho do que me queixar. Sou professor titular de uma das três melhores Faculdades de Direito do país, segundo o último Provão do MEC – somos AAA – e vocês são os melhores. Eis a primeira virtude do tempo: ELE REALIZA OS SONHOS. *E esta é a matéria de que é feita a vida*<sup>3</sup>.

Quando se encontrava no leito de morte o fidalgo Quixote de la Mancha, seu fiel escudeiro Sancho Pança, amargurado pela cobiça frustrada, a ele se dirige pela última vez:

– Meu senhor, por que tanto sofrimento vão, tantas derrotas humilhantes, se, afinal, tudo que perseguíamos não passava de ilusórios sonhos?

Despertado para a vida pela censura amarga, Dom Quixote, em seus momentos derradeiros, já enxergando mais além, lega sua última lição de comovente esperança:

– Mas como, fiel Sancho, me falas de sonhos ilusórios, falaciosos? Os sonhos existem, valoroso escudeiro!<sup>4</sup>

Nunca deixem de sonhar. E tenham o tempo como aliado.

---

<sup>3</sup> Shakespeare, *The tempest*: “*Leave not a rack behind. We are such stuff/As dreams are made of, and our little life/is rounded with a sleep*”. In *The Oxford University Press Dictionary of Quotations*, 1985, p. 480.

<sup>4</sup> Miguel de Cervantes, *Dom Quijote de la Mancha*, J. Perez del Hoyo Editor. O contexto da citação foi inspirado por um texto de Sérgio Ferraz, *Sonhos e realidade*, 1984.

## V. O TEMPO DÁ A DIMENSÃO ADEQUADA AOS FATOS, ATENUA A DOR E TRAZ O PERDÃO

Esta a segunda grande virtude do tempo. Só devemos guardar as tristezas inevitáveis, as lembranças boas e as saudades que valem à pena. Olhar para a frente. Derrotar o passado que não pôde ser. Nietzsche atribuía a infelicidade humana ao espírito de vingança, e a vingança é o ódio ao próprio passado, aquilo que não se pode modificar.<sup>5</sup>

Na Capela do Castelo de Chenonceau, na França, na entrada à direita – este castelo foi doado por Henrique II (morto em 1559) à sua preferida, Diana de Poitiers, para desconsolo de Catherine de Médicis. Mas esta é uma outra história – há duas inscrições, deixadas pelos guardas escoceses de Maria Stuart. Na primeira, datada de 1543, está escrito: “A ira do homem não cumpre a justiça de Deus”. Na segunda, de 1546, lê-se: “Não sede vencidos pelo mal”.

Não sede vencidos pelo mal. Pelos maus sentimentos. Dentre eles, o *mal secreto*, cujo conceito foi recentemente reavivado por Zuenir Ventura: “inveja é não querer que o outro tenha”.<sup>6</sup> Descubram desde logo a mágica maravilhosa que é substituí-la pela admiração sincera e desinteressada, um dom raro, que faz o mundo melhor.

De certo, a reação pronta, quando justa e necessária, é legítima. Mas mesmo a razão não dispensa a compaixão. O ódio é a derrota de quem o sente. Esta ambigüidade entre a justiça e o perdão vem retratada com lirismo em um verso que é declamado no meio de uma bela canção de Chico Buarque, em que uma voz portuguesa pronuncia:

“Quando me encontro no calor da luta

---

<sup>5</sup> Apud Francesco Alberoni, *Enamoramento e amor*, Rocco, 1990.

<sup>6</sup> Zuenir Ventura, *O mal secreto*, 1998.

Ostento aguda e empunhadora a proa.  
Mas o meu peito se desabotoa.  
E se a sentença se anuncia bruta,  
Mais que depressa a mão cega a executa,  
Pois que senão o coração perdoa”.

## VI. O TEMPO TRAZ SABEDORIA

A capacidade de ver além da superfície e das aparências. É o tempo que nos liberta das verdades absolutas, das unanimidades passionais, dos vingadores mascarados. Nós vivemos do conhecimento. E o papel do conhecimento, escreveu inspiradamente Mangabeira Unger, é o de confortar os aflitos e de afligir os confortados. A capacidade de ver o outro, de entender o diferente e superar *o narcisismo das pequenas diferenças*<sup>7</sup>. Ter a percepção de que nem sempre vemos as coisas como elas são, mas como nós somos<sup>8</sup>. Ou onde estamos. Ou o que queremos.

Em uma crônica deliciosa, Luís Fernando Veríssimo faz uma alegoria da relatividade das coisas e da importância do ponto de observação de cada um. Conta a lenda que o golfinho é um grande amigo do homem. Que quando ocorre um naufrágio, ele ajuda a salvar os náufragos, empurrando-os com o seu bico para a terra firme, para a segurança, para a salvação. Que, agradecidos, difundem a boa imagem dos golfinhos. Mas parece que não é bem assim. Os golfinhos, aparentemente, empurram os náufragos para o lado que seu bico está virado. Portanto, a muitos, em lugar de ajudar, conduzem é para a morte em alto-mar. De modo que esta história dos golfinhos só seria completa se fosse possível ouvir também a *versão dos afogados*.

## VII. O TEMPO CONSOLIDA O AMOR VERDADEIRO (E TAMBÉM LIBERTA AS PESSOAS QUANDO ELE NÃO EXISTE)

---

<sup>7</sup> A locução foi utilizado por Freud em *O mal estar na cultura*. V. Maria Rita Kehl, *A mínima diferença*, 1996, p. 26.

<sup>8</sup> Frase atribuída a Anais Nin no *Livro da Tribo*, 1998.

Existe um tempo cronológico, medido em minutos, meses, anos. E existe um tempo afetivo, cuja unidade de medida é o prazer. Para os apaixonados, não estar junto é desperdiçar o tempo. Dependendo do sentimento e da companhia, um dia pode ser um segundo ou uma eternidade. Em uma insuperável declaração de amor, escreveu Jorge Luiz Borges: “Estar com você ou não estar com você é a medida do meu tempo”. O amor verdadeiro é o que vence o tempo e a distância.

Como o de Penélope, mulher de Ulysses. Convencida de que ele não morreria na Guerra de Tróia, ela o esperava pacientemente. Passados os anos, no entanto, assediada por muitos pretendentes, disse a eles que escolheria um para desposar quando terminasse de tecer uma mortalha na qual estava trabalhando. No entanto, a cada noite, Penélope desfazia o que havia avançado durante o dia, dando tempo ao tempo, até o regresso triunfal de Ulysses. (É verdade que ele teria andado enfeitado pelo canto das sereias, mas esta é uma outra história).

Ou como o amor relatado por Gabriel García Márquez, em uma pérola intitulada *O amor nos tempos do cólera*. Textualmente:

*“Florentino Ariza não deixara de pensar em Fermina Daza um único instante... e haviam transcorrido desde então **cinquenta e um anos, nove meses e quatro dias**”.*

## VIII. A PÓS-MODERNIDADE E A PRESSA

Vocês são contemporâneos da pós-modernidade, um tempo marcado pela vitória da imagem sobre o conteúdo, da impressão superficial sobre a reflexão, do transitório sobre o permanente. A era da velocidade. Velocidade da transformação e velocidade da informação. Novos programas de computador, novos acesso à rede mundial, novos medicamentos. As coisas são novas por vinte e quatro horas. O próprio Italo Calvino, em suas *Seis propostas para o próximo milênio*, incluiu dentre elas a *rapidez* e a *leveza*. Ninguém nesses dias parece impressionar-se com a

advertência sábia do grande jurista uruguaio Eduardo Couture, que a incluiu no oitavo mandamento do advogado: “O tempo vingam-se das coisas que são feitas sem a sua colaboração”.

Por isso, meus queridos afilhados, eu lhes digo, eu lhes peço, como faço com todos os meus alunos: Cuidado com a pressa, com a voracidade, com o excesso de ansiedade. Tenham tempo de olhar para os lados, de desfrutar o caminho, de fazer amigos. Tantos quantos possam sinceramente cultivar. Cuidado com a pressa. As coisas vêm sempre a seu tempo. Não estejam dispostos a pagar qualquer preço pelo sucesso. E mesmo quando tudo pareça impossível, distante, inalcançável, relaxem. E lembrem-se da advertência libertadora de Paulo Leminski de que *distraídos venceremos*. Ou se preferirem a canção de Renato Russo, o jovem poeta morto prematuramente:

*“Não temos tempo a perder,  
mas temos todo o tempo do mundo.  
Temos o nosso próprio tempo”.*

Por certo as coisas não caem do céu. É preciso ir buscá-las. Voar alto. Mergulhar fundo. Muitas vezes será preciso voltar ao ponto de partida e recomeçar tudo outra vez. As coisas não caem do céu. Mas quando, após haverem empenhado cérebro, nervos, coração chegarem ao resultado buscado, saboreiem a vitória merecida gota a gota – é uma delícia –, sem se esquecer, no entanto, que ninguém é bom demais, que ninguém é bom sozinho e que no fundo no fundo, por paradoxal que pareça, as coisas caem mesmo é do céu. E é preciso agradecer.

## **IX. TENHAM COMPROMISSO COM O SEU TEMPO**

A marca do nosso tempo e do nosso país é a desigualdade. A marca da nossa incapacidade ou da falta de desejo de fazer um país para toda a gente, e não para os mesmos de sempre, de geração para geração, há quinhentos anos. Temos

déficit de educação, de saúde, de alimentação, de saneamento, de moradia. Não há setor relevante da vida nacional onde a carência, o abismo entre os que têm e os que não têm não seja motivo de dor, de tristeza e de indignação.

Ajudem a refazer o país. Sejam bons, não sejam “espertos”. Não sucumbam à cultura do ganho fácil. Ajudem a superar um país no qual, para a maioria de sua gente, o trabalho, apenas, não traz, ao fim de cada dia, o pão e a dignidade. Um país de riquezas injustas. Ricos que fazem fortuna, não com trabalho árduo, mas com golpes. Ricos de dinheiro público, ricos de subsídios que não chegam aos pobres, ricos de financiamentos estatais. São os *com dinheiro*, mas sem ideal, sem patriotismo, sem vergonha. Vocês, que terão o sucesso que merecem – e o eventual proveito material que ele traz –, saberão o horror que é o risco de ser confundido com um desses.

## **X. DUAS PALAVRAS A MAIS**

Algumas últimas palavras. Sejam SIMPLES. Lembrem-se da advertência de Gilberto Amado: “Querer ser mais do que se é, é ser menos”. É perfeitamente possível ser simples e afirmativo, simples e ousado. Até mesmo simples e vaidoso. A simplicidade não tem a ver com o juízo que cada um faz de si próprio, mas com a consideração que tem pelo outro.

Sejam RECONHECIDOS. A gratidão enriquece quem a recebe sem desfaltar quem a oferece. Em uma crítica à ingratidão, que atravessou os séculos, Aristóteles assinalou: “Cada um, do amor recebido, prefere tirar a glória, que é o amor a si, em vez de reconhecimento, que é o amor ao outro”<sup>9</sup>. Quando, no início da década de 80, o Serviço Nacional de Informações me impediu de dar aula nesta Universidade, o professor Jacob Dolinger, meu amigo de vida inteira, disse-me, ingenuamente: “Vou resolver isto”. E não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez. E eu estou aqui.

---

<sup>9</sup> Aristóteles, *Ética de Nicômaco*. V. André Comte-Sponville, *O pequeno tratado das grandes virtudes*, p. 148.

## XI. CONCLUSÃO

Discursos – aprendi com meu mestre Barbosa Moreira – convém que sejam poucos. Se possível, bons. Em qualquer caso, breves. Vocês foram prudentes e previram que fossem poucos. O orador da turma e o patrono ficaram encarregados de que fossem bons. A mim me tocou ser tão breve quanto soube ser.

Um dos meus livros favoritos – *A correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz – se encerra com uma linda carta dirigida à sua “muito amada Clara”. Tomo emprestada a última oração daquela carta de amor para despedir-me de vocês: “Adeus, minha amiga. Pela felicidade incomparável que me deu – seja perpetuamente bendita”.

Vão em paz. Sejam bons. Sejam felizes. Deus os abençoe.